



### **ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS**

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:

90 anos da semana de arte moderna

28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

## **A RELAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA SOB OS EFEITOS DA NOÇÃO DE VALOR EM SAUSSURE**

**Dayanne Teixeira Lima<sup>1</sup>**  
**Núbia Rabelo Bakker Faria<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Este trabalho insere-se no projeto de Pibic 2012-2013 intitulado *Forma e substância na linguagem: desafios para pensar a natureza da escrita alfabética a partir da escrita do surdo*, sob a orientação da Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria, e tem como objetivo inicial refletir sobre a complexa relação entre oralidade e escrita, a partir da noção saussuriana de valor. Conforme alerta Derrida em *Gramatologia*, é preciso opor Saussure a si mesmo, sobretudo a partir da noção de valor, que aponta para o reconhecimento de que a letra e o fonema não possuem uma essência, sendo seu valor puramente negativo e diferencial. Para isso, foram feitas leituras de dois capítulos do *CLG* no que diz respeito à escrita enquanto representação da língua e à noção saussuriana de valor, assim como a leitura de autores pioneiros das áreas da fonética e da fonologia, tendo como destaque Jakobson, Trubetzkoy e Sapir, trazendo à baila a teorização desses autores sobre o conceito de *fonema*. Tendo essa pesquisa um caráter inicial, apresentam-se ao final deste artigo não conclusões, mas apontamentos que serão mais explorados posteriormente.

### **INTRODUÇÃO**

Desde os neogramáticos a Linguística se coloca a questão da separação entre a língua oral e escrita, como um dos critérios de cientificidade para o campo da linguagem. Segundo Paveau & Safarti (2006, p. 31), “os neogramáticos são os primeiros a ter denunciado o caráter ilusório da escrita, a preconizar a ultrapassagem da letra (o grafema do alfabeto fonético) e a elegerem os sons como verdadeiros objetos de suas análises”. Dessa forma, a sonoridade – e não a letra – constituiu-se como objeto legítimo de estudo dos

<sup>1</sup>Aluna do 5º período no curso de Graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa de Educação Tutorial.

<sup>2</sup>Professora Doutora do Curso de Graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas.

neogramáticos, pois a escrita não se constituía como “(...) um instrumento de análise confiável para o linguista” (Ibid, p. 31).

Saussure, como linguista oriundo da escola neogramática, distancia a escrita do sistema linguístico ao caracterizá-la como “(...) por si, estranha ao sistema interno (...)” (Ibid, p. 33). Língua e escrita, segundo ele, são dois sistemas diferentes e a razão de ser da escrita é representar a língua. Nas palavras do mestre genebrino:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (SAUSSURE, 2006, p.34).

Já é possível notarmos que Saussure, embora dê à escrita um lugar secundário em relação à língua, reconhece a existência de uma certa pressão que aquela exerce sobre esta, mesmo que uma pressão negativa. Em outros trechos do mesmo capítulo Saussure reitera o caráter ilusório que a escrita exerce nos estudos linguísticos, sobretudo com exemplos do Francês e de outras línguas que atestam claramente desacordos entre a grafia e a pronúncia das palavras.

Vários são os efeitos negativos desses desacordos, segundo Saussure, e o que se conclui após a leitura deste capítulo é que, segundo ele, a escrita engana por seu caráter obscuro, infiel à língua. Disso resulta uma consequência metodológica, semelhante à que chegaram os neogramáticos: tomar a escrita como base para reflexão do sistema linguístico não é confiável. Porém, Saussure (2006) reconhece que “(...) a tirania da letra vai mais longe ainda; à força de impor-se à massa, influi na língua e a modifica” (p.41).

A partir disso, é possível chegarmos a mesma conclusão a que chegou Derrida em *Gramatologia*: a da “incoerência” de Saussure. Ora, se a escrita nada mais é que o lugar da representação da língua, como explicar essa “tirania da letra” apontada pelo próprio Saussure, que é capaz de se impor à

língua e modificá-la? Seria viável fechar os olhos para o sistema da escrita, tendo em vista o fato de ele ser capaz de interferir na língua? É preciso, então, reconsiderarmos o que Saussure afirma sobre a escrita, sobretudo quando vemos que o lugar subalterno dado pelo linguista a ela parece não fazer jus ao que acontece quando o que está em jogo é a relação entre língua e escrita.

A noção saussuriana de valor, discutida no capítulo IV da segunda parte do *CLG*, também aponta-nos para a incoerência de Saussure mencionada acima. Ao discutir o valor linguístico em seu aspecto material, Saussure define o que seria o significante linguístico. Afirma o linguista que

(...) em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (SAUSSURE, 2006, p. 138).

Em outras palavras, o significante linguístico não possui uma essência, mas insere-se num jogo de diferenças entre ele e os demais significantes da língua. Assim como tratamos da outra parte do signo linguístico, o significado, ou quando consideramos o signo em sua totalidade, significante-significado, nada mais há na língua do que relações de oposição e de diferença: entende-se que não há um valor único a ser fixado em cada elemento linguístico, como se este possuísse uma essência, mas haverá sempre signos que se opõem e que, na oposição, significam.

O conceito de valor e a relação de oposição que ele estabelece na língua estendem-se para o significante gráfico: a letra. É o próprio Saussure quem mostra-nos isso ao utilizar-se do sistema da escrita para exemplificar a noção de valor:

1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t* e o som que ela designa;

2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever *t* com variantes (...). A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do *l*, do *d* etc.;

3º os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras (...);

4º o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema (...). Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação (p. 138-139)

Do lugar de representação, a escrita agora faz parte do funcionamento linguístico. Ela é também, ao lado do aspecto fônico, oposição e diferença, é relação que só acontece quando consideramos a língua em sua totalidade. É nesse ponto que reforçamos, com Derrida, a incoerência saussuriana: o lugar que Saussure deu à escrita no capítulo VI da introdução do *CLG* não se repete no capítulo IV da segunda parte, quando o linguista aborda a noção de valor.

É evidente que a incoerência saussuriana, apresentada por Derrida e reforçada por nós, diz respeito, basicamente, ao lugar de representação que Saussure conferiu à escrita e, depois, à própria reconsideração desse lugar com a discussão da noção de valor no que tange o aspecto material do signo. Mas é possível, ainda, refletirmos sobre a relação entre oralidade e escrita a partir desse confronto entre posições antagônicas de Saussure. Longe de tratar-se apenas de uma reconsideração do lugar da escrita enquanto representação, essa reflexão pode levar-nos a um melhor entendimento sobre o que acontece quando o que se tem como fenômeno a ser analisado é a língua em funcionamento, em sua modalidade oral ou escrita.

Quando nos referimos à oralidade e à escrita, logo pensamos em som e letra, respectivamente. A língua materializa-se através do som que ouvimos e da letra que vemos. Mas se partimos da noção saussuriana de valor e, conseqüentemente, da premissa de que, mesmo para o significante linguístico, o que há é uma relação de oposição e diferença, não podemos desconsideramos os conceitos de *fonema* e *grafema*.

Para esse momento inicial da pesquisa, julgamos necessário, primeiramente, nos concentrarmos e trazermos à baila o conceito de *fonema* presente em três grandes teóricos das áreas da Fonética e da Fonologia: Jakobson, Trubetzkoy e Sapir. De forma sucinta e sob o viés da noção de valor, que muito influenciou a teorização de dois desses linguistas, iremos expor o conceito de fonema que cada um deles apresenta e de que forma eles podem enriquecer nossa reflexão.

## O FONEMA NA FONOLOGIA

Vale mencionar, inicialmente, o momento histórico ligado à teorização sobre *fonema*. Havia, antes, uma necessidade de separação entre duas áreas: a Fonética e a Fonologia. A este respeito, Souza (2011) afirma em relação à época que:

A conjuntura dos estudos linguísticos da época levou à necessidade de separar a Fonologia da Fonética, visto que as discussões antes focadas nas pesquisas com análises fonéticas, cederam lugar aos estudos dos 'distinctive elements (or 'phonemes' in one specific sense) (p. 62).

Existia naquele momento a preocupação em se diferenciar mais claramente *som* e *fonema*, distinção que, embora tivesse sido abordada de forma muito eficiente e antes mesmo do Círculo Linguístico de Praga por Baudouin de Courtenay, havia ainda muito fortemente o estudo do fonema sob os moldes dos métodos fonéticos. Nas palavras de Trubetzkoy (1981):

Foi ele (Courtenay) quem proclamou a diferença fundamental existente entre os sons da linguagem humana e as imagens fônicas de que se compõem as palavras de uma língua, e foi ele também quem tirou desta afirmação consequências metodológicas a exigir a existência de duas disciplinas científicas: uma fundada sobre a fisiologia e a física, e que tem por objeto os sons; outra, aparentada com a Psicologia e que estuda as imagens fônicas em suas funções linguísticas (p. 16)

Diante da necessária separação entre Fonética e Fonologia, assim como de seus respectivos objetos, dois importantes teóricos do CLP dedicaram-se, dentre outras atividades, aos estudos fonológicos, especificamente à delimitação cada vez mais clara de seu objeto - o *fonema* – assim como às implicações metodológicas exigidas pela área.

Na delimitação do objeto da Fonologia, o que vemos em comum entre os teóricos, no que diz respeito ao conceito de fonema, é a natureza psíquica deste. Dessa forma, não devemos confundir fonema – realidade abstrata – com som – realidade física. Mas a diferença entre som e fonema não deve limitar-se à característica psíquica deste. Segundo Trubetsky (1981), "(...) o que distingue o fonema do som não é o seu caráter puramente psíquico, mas antes

seu caráter diferencial – o que faz dele um valor linguístico” (p. 16-17). Sendo assim, vemos claramente que o conceito de fonema assim exposto vai diretamente ao encontro da noção saussuriana de valor: o caráter diferencial, e não somente psíquico, dá ao fonema o estatuto de elemento linguístico, ou seja, que só existe em função da relação que estabelece com outros fonemas na língua.

Se quisermos resumir o que Trubetzkoy, assim como seus antecessores Courtenay e Saussure, afirmou ser o *fonema*, podemos dizer que este “(...) não é ‘substância material’ a ser apreendida, mas sim um ‘equivalente psíquico do som’, que tem caráter puramente diferencial. Ele é aquilo que o outro não é” (SOUZA, 2011, p. 66). E é essa realidade diferencial, o ser constantemente aquilo que o outro não é, que nos leva de volta à ideia da não-essência dos signos linguísticos discutidas acima.

Em se tratando dos estudos fonológicos desenvolvidos por Jakobson, podemos observar nestes uma clara influência do estruturalismo europeu, especialmente no que diz respeito à teoria do valor e às noções de forma e substância da língua (SOUZA, 2011, p. 67). Movido também pela distinção entre som e fonema, o linguista trará a significação como delimitação do fonema, assim como das demais unidades linguísticas. Segundo Jakobson (1967), os fonemas:

(...) não têm significação própria, e a distinção acústica entre eles é não raro tão ligeira e sutil, que a sua apreensão pelo aparelho sensorial assume o aspecto de uma tarefa momentosa (...). O que reconhecemos na fala não são distinções sonoras e sim fonemáticas, isto é, distinções que sem assinalarem qualquer coisa de específico e positivo servem para diferenciar entre si os signos de uma língua dada. (p 39-40)

Essa significação, como vimos acima, não é qualidade individual do fonema, mas é fruto das distinções fonemáticas feitas pelo falante e que entram em jogo no momento da fala. Ou seja, não há como definir o fonema isoladamente, pois a ele não se une uma significação própria, mas há como percebê-lo quando se encontra em relação com outros fonemas e quando os falantes encontram-se imersos no sistema fonológico de determinada língua. Embora Jakobson mencione que a substância material do fonema faça parte e

possa influenciar a distinção fonemática, as oposições fonológicas e a significação dentro do sistema linguístico estão fortemente atreladas à forma.

Para resumirmos o conceito de fonema para Jakobson (1967), poderíamos citar o seguinte trecho: “Fonema é conceito básico da fonologia. Designamos por esse termo as propriedades fônicas concorrentes que se usam numa língua dada para distinguir vocábulos de significação diversa” (p. 11). Mais uma forte referência à noção de valor saussuriana fez-se presente, também, neste grande teórico da linguística.

O conceito de fonema desenvolvido por Sapir diferencia-se um pouco dos de Trubetzkoy e de Jakobson. Isso porque o linguista americano, influenciado por suas experiências com comunidades indígenas, traz para a reflexão sobre o fonema “(...) a experiência linguística do falante e sua *escuta* diante do sistema fonológico de sua língua” (SOUZA, 2011: 71. Grifo da autora).

Em primeiro lugar, Sapir defende que a distinção feita pelo falante entre som e fonema, de forma tão sutil como dissera Jakobson, não pode ser desprovida da experiência real da linguagem do sujeito. Em segundo lugar, a distinção entre som e fonema não é feita a partir de uma análise consciente do falante sobre a língua, mas porque este é diretamente afetado pelo sistema fonológico da língua em que está inserido. Dessa forma e semelhante a Jakobson:

(...) as colocações de Sapir indicam que o caráter linguístico dos fonemas é determinado pela significação. Apenas os fonemas que estabelecem uma relação de significação dentro da ‘realidade fonêmica’ do falante tem valor linguístico para ele (SOUZA, 2011: 76).

Do ponto de vista do falante das comunidades indígenas, o estudo de Sapir foi pertinente à medida que quebra o pensamento de que o aprendizado da língua está diretamente ligado à exposição ao som e ao treino constante: “(...) se a relação não acontecer associada às concepções fonêmicas do falante, o trabalho do linguista não passa de transmitir ‘variações fonéticas puramente mecânicas’” (SOUZA, 2011: 76).

As proposições sobre fonema presentes nesses três autores pioneiros nas áreas da Fonética e da Fonologia permite-nos, inicialmente, chegarmos a um ponto comum: o do fonema enquanto uma entidade abstrata da língua que se encontra em relação com os demais fonemas e as demais unidades linguísticas, ou seja, totalmente coerente com a noção de valor. Daí depreende-se, também, que não devemos confundir o fonema com o som, seu suporte físico, pois, sendo uma entidade abstrata, o acesso não é direto.

Sendo assim, não é difícil concluirmos que a noção de *fonema*, como foi discutida, especialmente no CLP, sob os efeitos da noção de valor saussuriana, leva-nos à noção de *grafema*. A letra seria, assim, suporte físico da entidade *grafema*, também abstrata. Assim como o fonema não se confunde com o som e, por isso, realiza-se de diferentes maneiras, assim o grafema, não se confunde com a letra, admite várias formas de apresentação, sem que o seu reconhecimento pelo falante/leitor seja prejudicado. Letra e som, grafema e fonema, significantes linguísticos que, sozinhos, nada significam.

## **APONTAMENTOS**

Como fora dito no início, finalizamos esse artigo não com conclusões, mas com apontamentos que surgiram a partir dessa primeira reflexão e que serão mais explorados no decorrer da pesquisa. Tomamos como ponto de partida a relação entre oralidade e escrita sob o viés da noção saussuriana de valor, assim como a incoerência de Saussure atestada por Derrida no que se refere ao lugar que o linguista deu à escrita no *CLG*.

Vimos que embora Saussure tido preconceitos em relação à escrita e sua função de representação da língua, é ele mesmo quem ressalta a influência que o signo gráfico acaba exercendo sobre a língua. A tal 'tirania' da letra parece-nos estar longe de ser ingênua, daí o desprestígio da escrita em relação à oralidade se enfraquece e nós podemos mais uma vez nos questionarmos: como explicar tamanha influência que o sistema escrito exerce na língua, sendo capaz de se impor à ela e modificá-la?



Considerando a relação entre oralidade e escrita sob a perspectiva da noção de valor saussuriana não podemos pensar num acordo simples entre som e letra, como se houvesse uma letra para cada som da língua, mas é necessário que consideremos o jogo entre *fonema* e *grafema* que acontece no funcionamento linguístico. É por isso que partimos do pressuposto de que discutir a complexa relação entre oralidade e escrita supõe-nos apontar, necessariamente, para o caráter negativo e diferencial do valor linguístico.

E, por fim, vale ressaltar que a escrita, que durante muito tempo esteve num lugar secundário em relação à oralidade, recebeu um tratamento especial na *Glossemática*, fundada pelo linguista dinamarquês Hjelmslev e H. J. Uldall. A consideração da possibilidade do estudo da escrita enquanto ‘substância que se dirige apenas ao olho’, sem qualquer precedente fônico, enriquece ainda mais a discussão sobre o que há por trás da relação – nada direta - entre oralidade e escrita, discussão esta que, a cada dia, parece ser mais instigante e desafiadora.

## REFERÊNCIAS

- DA MOTA, S. B. V. *A Gramatologia, uma ruptura nos estudos sobre a escrita*. Revista Delta, volume 13, São Paulo: 1997.
- JAKOBSON, R. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, [1939] 1967.
- TRUBETZKOY, N. *Fonologia atual* [1933]. In: DASCAL, M (org.) Fundamentos metodológicos da lingüística: fonologia e sintaxe. v. 2. Campinas: Unicamp/IEL, 1981.
- PAVEU, M. A. & SAFARTI, G. É. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos, SP: Clara Luz, 2006.
- SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.
- SOUZA, E. C. de. *Discutindo o conceito de fonema*. In: *Consciência fonológica e fonema: discutindo os conceitos e seus empréstimos*, 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

